

DO JORNAL AO TEXTO LITERÁRIO: A TRANSPOSIÇÃO MIDIÁTICA EM MARIA TERESA HORTA

Arthur de Souza Almeida de Araújo¹

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar os poemas do livro *Mulheres de abril*, de Maria Teresa Horta, pautada no estudo das Intermidialidades (CLÜVER, 2005) e tendo como base a transposição midiática, que se trata “de um produto de mídia (um texto, um filme) ou de seu substrato em outra mídia” (RAJEWSKY, 2012), pois os poemas selecionados foram criados a partir de notícias de jornal. Pretende-se investigar não apenas o que os aproxima ou diferencia, mas tendo como “recorte” o feminicídio e as questões que dele emergem como corpo, dominação masculina e silenciamento. Tais poemas são releituras e trazem novos matizes e formas de (re)ver as notícias de jornal, como forma de iluminação mútua e não apagamento, onde um não se sobrepõe ao outro. A releitura, portanto, é uma obra independente, trazendo uma nova abordagem técnica-metodológica.

Palavras-chave: Intermidialidade, Transposição midiática, Poesia, Feminicídio, Maria Teresa Horta.

1 Mestrando em Estudos de Literatura, UFF. E-mail: arthur_almeida96@live.com

O presente estudo tem como objetivo analisar os poemas selecionados da escritora portuguesa contemporânea Maria Teresa Horta presentes no livro *Mulheres de abril*, discutindo a violência de gênero, o feminicídio e as questões que dele emergem como corpo, dominação masculina e silenciamento. A vida da autora é marcada por militância e resistência, e ela usa seus textos como armas apontadas para o patriarcado e para toda forma de censura na qual Portugal se encontrava imerso no final do século XX.

Nascida em 1937, em Lisboa, Horta seguiu a carreira de jornalista e, em 1960, publicou o seu primeiro livro de poesia *Espelho inicial*. A partir desse momento passou a ser perseguida, coagida e até agredida, dado o incômodo que sua obra causou. Seus textos versam sobre questões femininas, como corpo, desejo, sexualidade e denúncia da censura e da opressão, apontando para a sua liberdade; os textos de Maria Teresa Horta, portanto, são marcados pela transgressão do feminino que rompe barreiras políticas, de gênero e também da própria linguagem.

Em 1971, começa a escrever com Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno – “as três Marias” – a obra intitulada *Novas Cartas portuguesas*, um simulacro de cartas, sem distinção de autoria, que faz uma referência às *Cartas portuguesas* da freira Mariana Alcoforado. A obra *Novas Cartas portuguesas* foi publicada em 1972 pela Editorial Estúdios Cor, na época dirigida por Natália Corrêa, que recebeu ordens para retirar as partes “proibidas”. Contrariando a ordem, Natália Corrêa publicou o texto na íntegra. A começar daí, Maria Teresa Horta passa a ser considerada um expoente da luta das mulheres em Portugal, sendo agraciada com prêmios e homenagens.

O livro *Mulheres de abril* se refere ao mês (abril) que o povo português foi às ruas manifestar contra a ditadura salazarista fortemente caracterizado pela misoginia que reforçava os valores patriarcais. O livro destaca as vozes das mulheres que lutaram, fazendo uma frente resistência a esse regime totalitário buscando a liberdade civil, política e de gênero. Além da questão erótica, muito trabalhada por Maria Teresa Horta, no livro em estudo, Horta aborda o feminicídio, morte de uma mulher por causa do seu gênero.

Vale lembrar que após escrever seu livro de poesia intitulado *Minha senhora de mim*, Maria Teresa Horta é agredida fisicamente em um espaço público por homens que enquanto a batiam, a xingavam e diziam que era para ela aprender a não escrever mais daquela maneira, do mesmo modo como escreveu o *Minha senhora de mim*. Em seu relato sobre esse fato, a

autora de *Espelho inicial* afirma que esse episódio não a intimidou, pelo contrário, teve mais força e ânimo para continuar a escrever de maneira subversiva, apontando as mazelas presentes em Portugal, sobretudo, as advindas do regime salazarista.

No livro *Mulheres de abril*, após uma sucessão de poemas que abordam o feminino resistente às opressões impostas pela sociedade patriarcal, começa uma sequência de poemas que aludem para o feminicídio, chamados de poemas reportagens, esposas mortas pelos seus maridos dentro de suas casas e por objetos utilizados cotidianamente. Após o poema, há um trecho da notícia que serviu de base para a sua construção. O primeiro poema dessa sequência é *Tinha 38 anos*.

Tinha 38 anos

Tinha 38 anos
quando foi assassinada
Quando de bruços
caiu
por duas balas varada

Tinha 38 anos
quando foi assassinada
Um fardo sem importância
que ali ficou enroscado...
e nem um grito saiu do seu peito estilhaçado

Tinha 38 anos
quando foi assassinada
Pelas costas e a frio
com arma de morte
e caça

Tinha 38 anos
quando foi assassinada
Eram 3 horas da tarde
na varanda
em sua casa...

“Maria Odete Lopes Rodrigues, de 38 anos, morreu assim em sua própria casa, atingida a tiros de caçadeira pelo

marido. Trabalhadores da Construção Civil que se encontravam num prédio fronteiro presenciaram o crime: a Maria Odete tentou fugir, mas foi apanhada por duas descargas, vindo o corpo a tombar na varanda. Então o Silva encostou a espingarda à parede e acendeu um cigarro, sem se preocupar com o cadáver (...).”

“Muitas pessoas se encontram revoltadas com o silêncio que se fez à volta do crime, que nem sequer foi noticiado nos jornais, atribuindo tal crime ao facto de o Silva ser muito conhecido na vila, onde é ativista do CDS”.

Diário de Lisboa

17-06-1977

(HORTA, 2009, p. 455-456)

No poema, o eu lírico apresenta para o seu leitor a morte de uma mulher que só é nomeada no texto seguinte o qual possui a informação de que foi retirado do jornal Diário de Lisboa. O texto jornalístico foi usado como base para a construção do poema que o alude de maneira clara, mas apresentando, de maneira lírica, novas características a partir de elementos acrescentados, suprimidos e destacados, o que traz para o fato ocorrido novos olhares que o iluminam.

Trata-se do que entre os estudos de intermídia é chamado de transposição midiática que segundo Rajewsky “tem a ver com o modo de criação de um produto, isto é, com a transformação de um determinado produto de mídia (um texto, um filme etc.) ou de seu substrato em outra mídia” (RAJEWSKY, 2012, p.24). Estudar a transposição midiática é, portanto, estudar o processo de passagem de uma mídia para outra e não traçar o que ambas têm em comum, ou o que as diferencia, é necessário um olhar atento para tais obras. Mais que um olhar atento, uma transposição em muitos casos, se faz em um jogo sinestésico precisando dos outros sentidos para sua maior compreensão.

No caso do poema *Tinha 38 anos*, baseado em uma notícia de jornal, a transposição não se estabelece apenas na passagem do jornal para o poema, mas também para o texto que se encontra abaixo do poema. Em uma construção em que parece que a poeta mantém o texto jornalístico, observa-se que na verdade, o texto que está presente foi modificado alterando seu status para a forma literária. Nesse processo de transposição, houve uma seleção do que deveria ser mantido, retirado, modificado e destacado, uma vez que o texto jornalístico era maior que o literário, em relação ao seu tamanho.

Nesse jogo entre os dois textos, são apresentados vários olhares sobre o mesmo fato, um mais objetivo e outra mais subjetivo. O tema principal é o da mulher Maria Odete Lopes Rodrigues, de 38 anos, que foi assassinada pelo seu marido em sua casa. O feminicídio abordado aqui não é o da mulher morta na rua, mas assassinada pelo seu parceiro, por uma pessoa mais próxima, uma pessoa a qual se estabelece uma relação de confiança e de intimidade. Ser morta “pelas costas a frio” ressalva a traição que quebra a confiança antes depositada no marido, e também não ter tido a chance de se defender, ou de gritar.

O corpo feminino morto por mãos masculinas é caracterizado, no poema, como “um fardo sem importância” para a sociedade no qual ele está inserido. Ao assassinato, são lhe conferidos outros aspectos que apontam para a insignificância do corpo feminino em uma sociedade patriarcal, podem ser destacados a arma que foi usada e o horário em que o crime foi executado. A arma é uma arma de caça usada contra animais, portanto, e o momento é às 3 da tarde. Com isso, mata-se uma mulher dentro de sua casa como se mata um animal em uma floresta em um horário de atividades do cotidiano, atividades domésticas, assim, o assassinato de uma mulher pode fazer parte da rotina de uma sociedade que naturaliza esse tipo de violência.

No texto adaptado do jornal, abaixo do poema, há dois parágrafos. O primeiro parágrafo, descreve o assassinato. Na última frase, o comportamento do marido, o Silva, confirma a naturalidade que o assassinato tem para ele, pois após “encostar a espingarda à parede” acende um cigarro. No segundo parágrafo, o destaque vai para a sociedade que se encontra revoltada “com o silêncio que se fez à volta do crime, que nem sequer foi noticiado nos jornais”, o que pode revelar a importância que os jornais dão a um crime como esse de gênero. Mais à frente, é dada uma outra informação: o Silva é ativista do CDS. O CDS é um partido político português conservador fundado em 1974 com perfil inspirado na democracia cristã. Tal informação corrobora para o pensamento de que o fato não foi noticiado nos jornais por conta da influência do Silva na política. Maria Teresa Horta faz uma crítica também a própria figura masculina hipócrita que fazendo parte de um partido conservador e cristão mata sua esposa de forma tão natural quanto acender um cigarro, sem sentir dor ou remorso.

Para ampliar a reflexão acerca das questões propostas, é necessário entender o processo intermediário proposto pela poeta. Sobre Intermídia, Ribas (2017) afirma

Nesta demanda de analisar a migração entre mídias, com ênfase na adaptação, instala-se, então, o estudo das Intermedialidades.. Entendendo a Intermedialidade como área de convergência de discursos da qual a literatura participa efetiva e assiduamente, nossa perspectiva lida com a relação intermedial texto literário / livro de literatura e adaptação fílmica/ cinema. Esta é a razão pela qual nos detemos na transposição midial ou midiática. (RIBAS, 2017, p.2879)

Na passagem do texto jornalístico para o literário, ocorrem algumas mudanças, não só nos aspectos linguísticos, mas também de sentido. A própria materialidade textual corrobora para essas mudanças. O Diário de Notícias é um jornal e por isso é datado, com linguagem não literária, e com o objetivo de informar ao seu público consumidor as últimas notícias e informações, além disso a edição vendida em um dia não será vendida no dia seguinte, assim as notícias sempre dão lugar a outras.

O texto literário que tem como base a notícia da Maria Odete Lopes Rodrigues traz novos matizes e olhares para a própria notícia. O primeiro ponto que deve ser destacado é o veículo pelo qual o poema vai ao público, se antes o jornal trazia uma notícia imediata que logo substitui a anterior, o poema, em um livro, altera essa dinâmica temporal, permanecendo em prateleiras de livrarias por mais tempo. Com isso, o fato e o tema nele apresentado se estenderão por um tempo maior nos meios de circulação.

Em seu texto de cunho engajado, Maria Teresa Horta denuncia a violência de gênero a partir de um caso específico e particular, porém o poema torna o caso universal, pois a mulher assassinada não é mais somente a Maria Odete de 38 anos, portuguesa e morta pelo seu marido, mas uma representação de todas as mulheres que sofrem violência dentro de suas casas, em outros países e, em especial, por outros homens, ou seja, denuncia a permanência da soberania masculina, cujo entendimento é de que se pode fazer da mulher o que quiser.

Para Torres (2017), o texto horteano garante a permanência da discussão sobre o feminicídio e pois aborda os efeitos que a transposição causa.

No cruzamento intertextual dos discursos jornalístico e poético, Maria Teresa Horta retoma a forma hedionda do feminicídio ao estabelecer um jogo de revelação e permanência: os relatos e as imagens poemáticas se complementam, garantindo a estabilidade da revelação sobre

a violência de gênero, uma vez que o texto literário se faz o mais adequado a garantir tal permanência. Desse modo, a literatura horteana aparecerá com um caráter de engajamento, voltada não somente para a denúncia da hierarquização dos papéis sociais e sexuais, mas principalmente para os modos de construção e localização das hierarquias. (TORRES, 2017, p. 100)

O mesmo processo de escrita utilizado no poema anterior e discutidos aqui são trabalhados também em outros poemas do livro, não se tratando apenas de um processo de repetição, mas de uma denúncia de alguns casos muito semelhantes e que possuem uma unidade e causa que é o machismo. Em Estava curvada a cavar, há a mesma relação entre o poema e o texto jornalístico e, principalmente, a vítima, mulher, assassinada pelo seu marido com uma faca em sua casa.

ESTAVA CURVADA A CAVAR

Estavas curvada
a cavar
tendo teu sossego em ti
e o homem te foi
matar...

Estavas curvada
a cavar
o pensamento varrido de qualquer pecado havido
e o homem te foi
matar...

Estavas curvada
a cavar
de consciência deitada em meigo gosto de estar
e o homem te foi
matar...

Estavas curvada
a cavar
sem o mal percebido
tão alheia do ciúme espalhado no teu vestido

«Ontem, em Macinhata do Vouga, próximo de Oliveira de Azeméis, o operário Joaquim Andrade da Costa, de 57 anos (...), esfaqueou mortalmente a mulher, Maria Augusta da Silva, de 47 anos, que na altura trabalhava no amanho das suas terras. O tresloucado utilizou uma faca de matar porcos. (...)»

Diário Popular

28-10-1977

«Segundo opinião dos vizinhos, eram injustificados os ciúmes de Joaquim, que já há alguns meses vinha mostrando um procedimento estranho para com a mulher. (...)»

Diário de Lisboa

28-10-1977 (HORTA, 2009, p.459-460)

O detalhamento é muito parecido com o do poema anterior, mas cabe destacar deste o segundo trecho do texto jornalístico em que são reveladas as opiniões dos vizinhos que consideravam o assassinato como algo injustificado. O que é evidenciado nesse trecho é a premissa de que há justificativas para matar uma mulher, sendo que neste caso não há. Faz-se necessário lembrar de algumas justificativas usadas e aceitas em uma sociedade patriarcal, como lavar a honra, por questão de traição, se a mulher não realizava as tarefas domésticas, ou era insubordinada, entre tantas outras.

A arma usada para o crime, uma faca de matar porcos, reforça a concepção da naturalização e banalização do assassinato às mulheres, pois o marido mata a mulher como quem mata um porco, ou qualquer outro animal para comer no jantar, por exemplo. O corpo feminino e o de um animal são vistos paralelamente neste poema sendo objetificados.

A falta de justificativas para o assassinato está presente no texto *Matou a mulher à machadada por ciúmes infundados* cujo gênero não pode ser definido exatamente, mas entendido como um texto híbrido feito a partir de uma notícia de jornal. A sua dimensão literária se estabelece pelo jogo de cortar e colar o que do texto jornalístico pode corresponder ao projeto literário da poeta.

MATOU A MULHER À MACHADADA POR CIÚMES
INFUNDADOS

«O motorista Manuel Pinto de Oliveira, de 31 anos, emigrado em França, matou sua mulher, Perpétua Fernanda de Oliveira, de 29 anos (...) vibrando-lhe três machadadas no pescoço. Os golpes foram de tal modo violentos que o pescoço da infeliz mulher ficou apenas preso por

simples peles. «O tresloucado terá vindo a Portugal para cometer o horrendo crime (...). O criminoso, segundo afirmações que terá produzido, foi levado por ciúmes. «O caso suscitou a mais viva repulsa naquela localidade, tanto mais que, segundo testemunhos de populares de Fermentelos, a infeliz mulher era considerada pessoa honesta e trabalhadora.

Tudo indica que o crime terá sido cometido enquanto a vítima dormia. «Um dos filhos do casal, apenas com oito meses, apresentava sangue numa das faces, o que deixa presumir que na altura estivesse também a dormir junto da mãe (...).»

Diário Popular 28-04-1977 (HORTA, 2009, p. 455-456)

Percebe-se que no texto acima, diferentemente dos outros, não há um poema junto com a notícia de jornal, a notícia é o próprio texto literário deslocado do seu lugar de origem. É um texto literário pelo trabalho de seleção e escolha, como foi dito no parágrafo anterior, e também pela própria materialidade dele, o meio e onde ele está vinculado: em um livro de poesia. Assim, Maria Teresa Horta reafirma o seu compromisso com a experimentação poética, a qual foi iniciada junto com a geração de poesia de 61.

Pensando a violência de gênero, Butler (2018) destaca as relações de poder e a dominação masculina que cria “uma ilusão de diferença e disparidade” condicionando uma relação de sujeição ao feminino como maneira de negá-lo.

Politicamente, a divisão do ser — na opinião dela, uma violência contra o campo da plenitude ontológica — em distinções entre o universal e o particular condiciona uma relação de sujeição. Devemos entender a dominação como a negação da unidade anterior e primária de todas as pessoas num ser pré-linguístico. A dominação ocorre por meio de uma linguagem que, em sua ação social plástica, cria uma ontologia artificial de segunda ordem, uma ilusão de diferença e disparidade e, conseqüentemente, uma hierarquia que se transforma em realidade social. (BUTLER, 2018, p.145)

Este estudo propôs reflexões sobre a questão do feminicídio a partir das relações intermidiáticas na poesia de Maria Teresa Horta, uma figura importante e ímpar no cenário literário, cultural e político português nos séculos XX e XXI. A escolha por essa autora como objeto de estudo determinou-se pela sua atuação como militante em um dos períodos mais

difíceis para Portugal no século XX. Maria Teresa Horta lutou e resistiu à opressão, à censura, foi agredida e, mesmo assim, não desistiu de suas filosofias e convicções. Um fato relevante que faz com que Horta tenha um papel duplo na resistência à ditadura portuguesa é o de ser mulher e lutar pelas questões femininas.

Como representante desse movimento, Maria Teresa Horta traz novos matizes para a poesia portuguesa do século XX, expondo e evidenciando não só as suas próprias questões, mas dando voz também às mulheres que, como ela, sentiam na pele a necessidade de resistir. Mais precisamente, esses fatos deram-se no século XX, entretanto, percebe-se que a luta das mulheres e do feminino por espaço, respeito e consideração ainda estão presentes no século XXI, por isso a necessidade da discussão sobre o feminino, especificamente sobre sua sexualidade, seu corpo, seu desejo e suas representações sociais. Todas essas questões, tão bem expostas e desenvolvidas por Maria Teresa Horta através da sua vasta produção literária, colaboram para a afirmação e o entendimento do próprio corpo feminino.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CLÜVER, Claus. Estudos Interartes: Introdução crítica. In: BUESCU, Helena etal. (orgs.) **Floresta Encantada: Novos Caminhos da Literatura Comparada**. Lisboa: Pub.Dom Quixote, 2001.

DUARTE, C. L. Maria Teresa Horta: uma poética da liberdade. In: FLORES, C. (org.). **O sentido primeiro das coisas: ensaios sobre a obra de Maria Teresa Horta**. Natal (RN): Jovens Escribas, 2015. p. 11-16.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

HORTA, M. T. **Poesia Reunida**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2009.

MARTINS, Maria Antonia Dias. **Literatura portuguesa de resistência: a mulher, a guerra e o intelectual como armas de luta contra o salazarismo**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, 2006.

RAJEWSKY, Irina. — Uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. In: DINIZ, Thaís F.Nogueira (Org.) **Intermedialidade e estudos interartes**. Desafios da arte contemporânea. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

RIBAS, M.C.C. **Modos de ver, modos de ler, modos de ser**: Tópicos de transposição midial. In: XV Congresso Internacional da Abralic, 2017, Rio de Janeiro. Anais do XV Congresso Internacional da Abralic. Rio de Janeiro: Dialogarts UERJ, 2017. v. 02. p. 2878-2885.

SOARES, A. **Mulheres de abril, de Maria Teresa Horta: matrizes de um novo Portugal**. In: CUSATI, M. L. (Org.). "Atti del Congresso Internazionale Il Portogallo e i mari: un incontro tra culture". V. 2. Napoli: Liguori Editore, 1997. p. 45-57.

STAM, Robert. **Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade**. New York University. Ilha do Desterro. Florianópolis, nº 51, p.19-53 jul./dez. 2006.

TORRES, Maximiliano. **Corpo e Resistência: Maria Teresa Horta e a poética do "Basta"**. Diadorim, Rio de Janeiro, Revista 19 volume 1, p. 92-101, Jan-Jun 2017.